

## *O ensino de Artes sob a égide da complexidade contemporânea*

por Cláudia Mariza Brandão

attos @vetorial.net

Universidade Federal de Pelotas, UFPel

Ao iniciar o exercício da docência no ensino superior no curso de Artes Visuais – Modalidade Licenciatura (UFPel, RS, Brasil), em 2009, me deparei com a seguinte questão: Se pretendemos desenvolver novas mentalidades, pluralistas e interativas, como educar os futuros educadores?

Sabia que o momento não era para críticas, como costumávamos fazer quando estudantes, mas, sim, o tempo para colocar em prática anos de estudo. No entanto, os questionamentos se somavam: Como agir? Como colaborar para a construção do conhecimento sem repetir os modelos vigentes, ultrapassando as barreiras da racionalidade cartesiana e adentrando no mundo da sensibilidade e da poética, da ética e da estética?

Na busca por um rumo a seguir, recorri aos teóricos que trazia na bagagem, assim como Edgar Morin (2002), uma “herança” do mestrado em Educação Ambiental. Morin argumenta que as universidades têm um papel basilar no desenvolvimento de sociedades com maior qualidade de vida, defendendo a ideia de que, diferente de separar o conhecimento em “compartimentos”, fragmentando-o, devemos pensar em como a complexidade pode levar a uma conexão entre os vários modos de ponderar e ver o mundo ao redor.

Parti do lugar concreto de minha experiência, num exercício autorreflexivo, que me fez perceber o caráter processual da formação. Optei por um projeto educacional que estimulasse a relação dos estudantes com a realidade imediata, e permitisse que eles adentrassem no reino da sensibilidade simbólica regido pela Arte. E foi nesse momento que Elliot Eisner surgiu em minha vida.

No entendimento de Eisner (2005), para a compreensão da aprendizagem em artes é fundamental o entendimento dos modos de criação, e de como vemos as formas da natureza e conhecemos os aspectos que concorrem para a compreensão das intrínsecas relações da vida em sociedade. Tal pensamento expõe a consciência acerca da complexidade de um cotidiano cada vez mais visual. Ou seja, o autor entende que o sujeito faz parte da comunidade, e essa faz parte dele por meio de suas normas, linguagens e culturas, agindo ao mesmo tempo como produtos e produtores da sociedade. Identifiquei aí uma relação profunda entre o pensamento de Eisner e Morin, pois esse é um dos princípios da epistemologia da complexidade, para a qual a parte está no todo, assim como o todo está na parte, que mesmo preservando suas características próprias e

individuais, contém a totalidade do real, seja nas vivências ou em suas representações/interpretações.

Morin discute sobre a complexidade não apenas como um conceito, mas como um modo de enxergarmos a realidade, o que aponta para os desafios que são colocados aos sujeitos no momento da ação, uma visão da realidade indispensável ao conhecimento incompleto que possuímos da mesma. Por sua vez, Eisner entende que a história de vida, as experiências, as necessidades e a perspectiva de abordagem do sujeito face a uma determinada situação concreta, são “estruturas de referência” que afetam a percepção visual do mundo ao redor.

Sem a pretensão de extrair das práticas uma teoria sistemática ou um conjunto unificado de teses, eu estipulei como objetivo dialogar, teórica e poeticamente, através do poder criativo das linguagens artísticas sobre a essência do humano. Acima de tudo, busquei/busco apresentar/problematizar as marcas comuns que compõem a identidade de cada um, tal e qual uma sintaxe visual que expõe a complexidade do todo.

Frente ao desafio de (re)formar os futuros (re)formadores, e por conseqüência a própria estrutura da educação básica, acredito que as aprendizagens devem contribuir para que os estudantes utilizem as suas diferentes estruturas de referência, como quer Eisner, na experimentação e compreensão da realidade. E isso extrapola a visão racional que temos da vida em sociedade, pois o conhecimento prévio que os indivíduos têm acerca da arte pode condicionar a percepção daquilo que foge de seus conjuntos de referenciais. Logo, as aprendizagens estão diretamente relacionadas às experimentações como possibilidade de ampliação das estruturas de referência.

Contaminada pelas ideias de Morin e Eisner, e acreditando que “ver é adquirir sentido visual através da experiência” (Eisner, 2002:9), direcionei minhas práticas no sentido de instigar aprendizagens teóricas a partir do exercício das linguagens visuais, da pesquisa estética associada à ética das relações. Através do estímulo à razão sensível, os docentes em formação não só descobrem significados ocultos nas estruturas formais que povoam o cotidiano contemporâneo, mas percebem as imagens em interação com o seu contexto social e histórico.

As obras resultantes de tais processos de ensino-aprendizagem se caracterizam como narrativas autobiográficas metafóricas que, para além da qualidade estética, destacam-se como fruto de práticas reflexivas, que acredito serem fundamentais para a formação docente. A importância desses exercícios estético-reflexivos repousa na potencialidade oferecida para o desenvolvimento de múltiplas aprendizagens decorrentes da ponderação crítica sobre o mundo, fragmentado em suas (re)apresentações artísticas. Através deles os sujeitos se afirmam pela diferença, dando vazão a um campo polissêmico de sentidos, além de valorizarem a educação como um espaço relacional.

Para Eisner o significado não é fruto de uma descoberta, sim, o resultado de uma construção influenciada pelas referências que se tem acerca de determinada situação. Portanto, a participação ativa na vida em sociedade, em comunidades de discurso, pressupõe a partilha de modos de codificação e decodificação dos significados, de modo que no processo sejam ampliadas as capacidades de sistematização da ação e do pensamento.

Através dos ensinamentos de Elliot Eisner, entendi que por meio das representações visuais ampliamos nossos conhecimentos acerca da complexidade do humano que as constrói. Por esse motivo o autor se tornou um dos meus fiéis companheiros, amparando as minhas ações pedagógicas rotineiras.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ELLIOT, E. (2005). *Educar la Visión Artística*. Barcelona: Paidós Edicador.
- MORIN, E. (2002). *O método 5: a humanidade da humanidade*. Porto Alegre, RS: Sulina.